

V Congresso Internacional de História  
Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas (Campus UFG – Jataí)

A Ficção Científica e seus Vínculos com a História:  
George Orwell e Ray Bradbury

Yure de Freitas Pires<sup>1</sup>  
Rogério Pereira Borges<sup>2</sup>

Jataí – 2016

---

<sup>1</sup>. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

<sup>2</sup>. Professor do curso de Jornalismo e do Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Mestre em Estudos Literários e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB).

## Introdução

A ficção científica é um dos gêneros mais populares do mundo, disseminado em todas as tradições literárias, mostrando-se ora como alegoria no sentido de crítica a determinados contextos, ora como uma força imaginativa que supera os simbolismos mais superficiais e aprofunda-se no tratamento de temas candentes da sociedade por meio de uma produção estética. No campo da História, esse mesmo fenômeno também pode ser constatado, com a abordagem de situações, elementos e imagens que dialogam não só com temas reais, mas também fornecem outras visões de fatos ocorridos, personagens de vulto, ideias e mentalidades que se colocam em debate, ainda que retrospectivamente e ainda que em um esforço de pensamento voltado para o futuro.

No presente artigo, que integra uma pesquisa mais ampla desenvolvida em uma dissertação de Mestrado em elaboração no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), é construída uma ponte entre as obras de ficção científica e contextos históricos específicos. Os escritores e títulos aqui abordados são Ray Bradbury, com o livro *As Crônicas Marcianas*, e George Orwell, com o clássico *1984*. O primeiro é um volume de contos interconectados que narram várias tentativas de cientistas da Terra em ocupar Marte. Já *1984* ficou conhecido pela construção da figura do Big Brother, o Grande Irmão, aquele que tudo vê e a todos vigia. O escritor britânico cria, assim, uma sociedade em que a privacidade é suspensa e uma espécie de entidade ganha poderes absolutos.

Essas obras, em que a tecnologia é também um personagem importante, diferem de status entre si, ainda que transitem por terrenos próximos. *1984* transformou-se, com o tempo, em uma obra consagrada, levando a reflexões sociológicas. Isso acarretou seu distanciamento do gênero da ficção científica, cujo estereótipo está ligado a uma produção mais “rasa”, sem maiores ambições. Já *As Crônicas Marcianas* consolidou-se como um livro emblemático do gênero, fazendo com que seu criador fosse considerado um dos grandes mestres da área. Essa diferenciação, entretanto, nos parece um tanto injusta e baseada em preconceitos.

Há, sim, a percepção de que ambos os títulos inserem-se em contextos históricos interessantes e uma grande capacidade de criação em que os avanços tecnológicos são absorvidos literariamente de maneiras distintas, com propostas diferentes, mas de acordo com visões atentas e perspicazes do mundo que se tinha à época em que foram escritas e do contexto social que se anunciava. Isso nos permite fazer apontamentos

históricos dentro desses livros em que a ficção científica serve de meio condutor para aproximações e interpretações de cenários políticos e sociais amplos, trazendo contribuições interessantes – ainda que por meios oblíquos – na compreensão dessas situações. A História desses períodos ganha, assim, um complemento interessante na tarefa de entender questões sempre tão complexas.

Este texto visa, assim, condensar considerações que apontam para outras leituras dos textos de ficção científica. Em *As Crônicas Marcianas*, publicado em 1950, as tecnologias aeroespaciais e os conhecimentos de astronomia estão presentes de forma incontestemente, elementos fundamentais no entendimento da geopolítica mundial de meados do século XX em diante, sob a chamada Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética. Já em *1984*, lançado em 1949, há a preocupação com desdobramentos políticos que tecnologias de segurança poderiam trazer à sociedade, além de anunciar que esta seria uma das principais temáticas dali em diante. A espionagem não era uma novidade, mas as formas de fazê-la estavam se aprimorando e o controle social fora inserido nessa equação. Tomando conceitos da literatura e apontando questões históricas pertinentes, este artigo, ainda que brevemente, salienta o quanto a ficção científica pode e deve ser levada em consideração no estudo, retrospectivo ou prospectivo, de aspectos nevrálgicos da sociedade. Por alegorias, por metáforas, por meios artísticos e estéticos, a literatura também dá seu aporte a uma série de reflexões atreladas à realidade.

É possível, com efeito, que o enunciado metafórico seja precisamente aquele que mostra com clareza a relação entre referência suspensa e referência desvelada. Do mesmo modo que o enunciado metafórico é aquele que conquista seu sentido como metafórico sobre as ruínas do que se pode chamar, por simetria, sua referência literal. Se é verdade que é em uma interpretação que sentido literal e sentido metafórico se distinguem e se articulam, é também em uma interpretação que, graças à suspensão da denotação de primeira ordem, é liberada uma denotação de segunda ordem, propriamente a denotação metafórica. (RICOEUR, 2005: 338-339)

Em razão de Ray Bradbury e George Orwell fazerem uso constante das metáforas na elaboração de seus livros de ficção científica, é importante que este ponto fique claro. Não há nas obras do autor a pretensão de adivinhar o futuro e muito do que ele escreve insere-se nesta segunda ordem de significação de que fala Ricoeur e não deve ser apreendido ao pé da letra, como a descrição literal de fatos ou avanços tecnológicos. A literatura de ficção científica não é um catálogo do futuro. Há, sim, uma simbolização, a partir de realidades presentes, de possibilidades para o futuro, sem deixar de recorrer, até com bastante vigor, ao passado. Ao metaforizar, Bradbury e

Orwell colocam-se como críticos de um presente que aponta para um futuro até certo ponto sombrio, o que não suprime seu estilo e os espantosos acertos que apresenta.

### *As Crônicas Marcianas*

Quando Ray Bradbury escreveu *As Crônicas Marcianas*, ele explorou um filão literário há muito conhecido, incluindo a temática de se imaginar como seria a vida em outras partes do universo. Marte sempre esteve no centro das atenções de quem olhava para o espaço e se perguntava, a sério ou não, se haveria vida fora da Terra. Basta lembrar que autores como Júlio Verne, no século XIX com *Viagem à Lua*, e H. G. Wells, com *A Guerra dos Mundos*, já na transição para o século XX, publicaram histórias com esse mote. Bradbury, porém, mudou o registro da ficção científica ao traçar um outro tipo de paralelo, mais dramático e de crítica política mais evidente, com a situação que se vivia naquele pós-Segunda Guerra Mundial, em que armas de destruição em massa passaram a ser uma ameaça real para a sobrevivência de todos.

Nesse contexto, Bradbury, ainda que seguindo os passos de Wells, que também tinha nos confrontos entre culturas e povos uma medida importante para sua literatura de ficção científica, fez algo revolucionário. *As Crônicas Marcianas* ilustram esse movimento ousado. A partir de contos que dialogam entre si, ele descreve como foi a chegada de várias missões de reconhecimento de terráqueos a Marte, com percalços que incluíram assassinatos, mal-entendidos, embates e extermínios, até o domínio do novo terreno e sua posterior destruição, em uma clara alusão ao que a raça humana fazia na Terra. Em outros contos, Bradbury desenvolve seu argumento levando-o para searas ainda mais sombrias, como vigilâncias violentas, discriminações absurdas e a reprodução em Marte dos problemas que inviabilizaram a vida na Terra.

Todas essas questões, que passam fortemente pelo campo ético, estão envolvidas no avanço tecnológico que, ao mesmo tempo que proporcionam viagens espaciais e novas chances de vida para a civilização que conhecemos, também motivam ações e dão os insumos para toda sorte de selvageria. Um paradoxo que vivemos de maneira mais evidente com o desenvolvimento de armamentos que podem simplesmente destruir um planeta. Na literatura de Bradbury é mostrado, ironicamente, que tais distorções da tecnologia podem aniquilar não um, mas vários planetas, usando-se os mesmos modus operandi, cometendo-se os mesmos erros. Os marcianos e os terráqueos tornam-se,

assim, diferentes na aparência, em suas constituições biológicas, mas próximos no fim que os espera, na incapacidade de se evitar o pior.

Esse gênero de literatura, porém, só pode funcionar, transmitir sua essência, sua crítica, sua mensagem se puder criar uma verossimilhança que interesse, que seduza, que crie uma lógica interna que esteja em diálogo com o vivenciado na realidade. Como já ensinava Aristóteles, “a duração deve permitir aos fatos suceder-se dentro da verossimilhança” (1997, p. 27). Ainda de acordo com os preceitos do convencimento por meio da obra ditadas pelo autor canônico, “é mister, com efeito, arranjar a fábula de maneira tal que, mesmo sem assistir, quem ouvir contar as ocorrências sinta arrepios e compaixão em consequência dos fatos” (ARISTÓTELES, 1997: 33).

De forma ambivalente, a ficção científica talvez seja um dos tipos de literatura que mais se sustentam fora da imaginação, já que só assim ela consegue convencer com suas viagens espaciais, seus robôs inteligentes, suas máquinas maravilhosas. Isso exige uma correspondência estreita com o mundo e seus inventos. “O ficcional literário incorpora, ainda que de maneira velada ou esotérica, parcelas da realidade” (LIMA, 2006: 286). Esse embricamento vai muito além de um formalismo literário passageiro.

A ficção é sempre uma ferramenta subjetiva ou um 'andaime do pensamento' (...) havendo de se separar aquelas que hão de ser desmontadas, quando já não se mostrem necessárias, das que hão de ser mantidas porque, de sua contradição, dependem instituições que queremos manter. (LIMA, 2006: 275)

Nesse mesmo ritmo, a ficção científica insere-se em imaginários que são surpreendentes para a grande maioria das pessoas. Imaginários que mantêm laços igualmente próximos com contextos e elementos históricos. “Romance e História tiveram relações muito estreitas no próprio século que viu seu maior desenvolvimento. (...) A Narrativa como forma extensiva ao mesmo tempo do Romance e da História permanece pois, em geral, como a escolha ou a expressão de um momento histórico” (BARTHES, 2000: 27-28). Esse raciocínio não exclui as obras de ficção científica, que atuam em um registro específico da literatura, como prova Ray Bradbury.

As pessoas se debruçavam nas varandas gotejantes e observavam o céu avermelhado.

O foguete estava no campo de lançamento, e emitia nuvens quentes de fumaça cor-de-rosa. O foguete ficou lá, naquela manhã fria de inverno, criando verão com cada descarga de seus poderosos propulsores. O foguete trouxe tempo bom, e o verão se instalou por sobre os campos por um breve momento... (BRADBURY, 2013: 20)

Notamos como o autor norte-americano abre seu romance formado de narrativas curtas descreve, em sua primeira crônica, chamada O verão do foguete, desenhando o cenário e a sensação das pessoas que vislumbravam os grandiosos lançamentos de máquinas fabulosas. Esse efeito só é possível porque o escritor esmiúça a propulsão daqueles grandes engenhos inventados pelos homens. A nuvem de fumaça que produzia, seu calor intenso e repentino conseguiam mudar todo ambiente ao seu redor. O inverno transmutado em verão apagara qualquer lembrança do frio, mudando a cor do céu, como se o lançamento desenhasse um quadro de arte sobre um apocalipse vindouro.

Historicamente falando, não seria difícil imaginar algo parecido a partir dos anos 1950. As bombas de Hiroshima e Nagasaki e as constantes hostilidades entre soviéticos e norte-americanos levantavam essa possibilidade. Os foguetes com ogivas eram um fantasma planetário, com o céu em chamas, grandes cogumelos de fumaça provocados pela detonação dos artefatos bélicos, o mundo transformando-se em um deserto. A ficção científica de Bradbury, assim, situa-se em um temor da humanidade, no medo do desaparecimento que, por outro lado, também exercia certo fascínio. Daí vem também o sentimento suscitado pelas viagens espaciais, tão sonhadas e que passaram a ser, mais que um desejo de aventura, uma peça relevante da detenção do poderio mundial.

Percebemos a maestria do autor em nos passar como aqueles cidadãos sentiam tal mudança, salientando o poder hipnótico causado pelos foguetes, com seus poderosos motores expelindo fogo, prontos para e alcançar o espaço. Ao lado daquele momento histórico específico, algo mais motivava o interesse pela área. A vontade de sabermos que não estamos sós no universo faz com que busquemos respostas para a nossa própria existência, como também o propósito de estarmos aqui. Procuramos contatos extraterrestres não apenas para termos companhia no infinito, mas porque queremos conhecer mais, obter respostas. É nossa ambição pelo saber, algo que poderíamos encontrar em sociedades mais evoluídas.

Na literatura percebemos que essas imagens alienígenas, muitas vezes são metáforas do que realmente somos ou mesmo o que poderíamos ou deveríamos ser. Com uma questão filosófica e de autocrítica, a literatura de ficção científica é um escape em mundo em processo de esgotamento. Essa situação também é histórica, já que a humanidade passou a ter consciência de que exaure os recursos naturais apenas no século passado. É com base nesses conhecimentos adquiridos com o tempo, com as novas localizações do homem no mundo em que vive, que a ficção científica se

reconfigura, elege novas prioridades, imagina outras questões ligadas ao tempo histórico em que é realizada. Em *As Crônicas Marcianas*, Bradbury utiliza os marcianos como uma referência de nós mesmo espelhados como uma civilização extraterrestre em uma crítica não só do nosso desespero por encontrar outro lar como alternativa de sobrevivência caso destruamos o nosso planeta, revelando, ainda, como o nossos sistemas sociais podem ser ditatoriais e cruéis para com nós mesmos.

Na sétima crônica da obra, intitulada *E a Lua Continuava Brilhando*, Bradbury revela que a tentativa de contato com os marcianos, enfim, obteve sucesso. Sabemos que os motivos de tanto empenho nessa comunicação são diversos, mas um deles é predominante: explorar e conquistar o espaço. A partir do momento em que o homem, em nossa realidade histórica, também voltou seus olhos para o espaço, as motivações são as mesmas. O escritor apoia-se em fatos reais para erigir, convincentemente, sua obra de ficção científica. Os cientistas de carne e osso, que aparecem nos noticiários, levam diversas cargas valiosas, como laboratórios, satélites, sondas para estudar nosso sistema solar e astronautas para a Estação Espacial Internacional. Em cada missão essas pessoas não estão levando apenas equipamentos avançados de pesquisa. Nesses lançamentos estão indo, principalmente, os nossos sonhos, a oportunidade e o desejo de tantos de nós pelo conhecimento do universo, e quem sabe a esperança de dias melhores para toda a raça humana.

Nos textos de Bradbury e de outros autores do gênero há o mesmo sentimento. Os personagens de suas crônicas, de seus contos, de seus romances espelham-se naqueles que cumprem as missões reais, que lidam com o desconhecido em seu cotidiano. As ações, os problemas, os desafios apresentados na ficção do escritor encontram eco nos homens e mulheres que cumprem tais tarefas, com variações de diferentes níveis. Temos, dessa forma, uma retroalimentação entre o real e o ficcional, o tangível e o imaginado, uma espiral em que a criação literária pode influenciar o mundo real que, por sua vez, age em prol da concretização daquilo que a ficção científica prevê, imagina, sonha. Isso tem o incrível poder de, em muitas circunstâncias, moldar nossos hábitos, inaugurando novos paradigmas de vivência e dependência da tecnologia, como também de diversos campos de estudos sociais e sobre o indivíduo.

Desde a criação dos foguetes e satélites, cujo desenvolvimento foi motivado em larga medida pela exploração espacial, tudo mudou. O mundo que vivemos hoje não é o mesmo mundo de nossos avós. Houve mudanças históricas sensíveis nesse sentido no

século XX, algo acompanhado pelos escritores de ficção científica, como Bradbury. Hoje vivemos sob a influência das máquinas em uma relação global de trocas de informação e interação. O tempo e a distância nunca foram tão relativos, como Einstein previra em suas teorias científicas revolucionárias e muitos autores em seus textos cheios de imaginação criadora. Participamos de uma realidade que foi, em muitos aspectos, gerada de um sonho, de um desejo e da necessidade histórica de remodelar todo o sistema global de relacionamento. O mundo tal como o conhecemos hoje não seria possível sem a presença das tecnologias de ponta, eficientes e necessárias para todo o funcionamento global. É a História se realizando na nossa frente.

Todo o processo para a chegada dos satélites modernos atuais são resultados de uma sequência de eventos e sonhos em que se agregaram diversos conhecimentos e campos de estudos para que muito da ficção científica tornasse realidade. Um visionário escritor britânico de ficção científica, um desenhista e engenheiro de foguetes alemão que trabalhou para a máquina nazista durante a Segunda Guerra Mundial e uma corrida tecnológica sem igual entre as superpotências. Todos esses atores contribuíram para abrir caminho para o cenário mundial que se desenhou nas décadas seguintes.

Muito dos fatos históricos e também dos episódios que movem a ficção científica de Ray Bradbury começam no campo da guerra e na necessidade de abordagens e estratégias mais eficazes e baratas de combate do inimigo. Deixa para que voltemos ao cenário da Segunda Guerra Mundial e a subsequente Guerra Fria, eventos que estimularam o homem a imaginar novas formas de um combate. O resultado dessa interação entre imaginação e necessidade mudou o mundo em que vivemos. É difícil imaginar um mundo sem satélites, por exemplo, uma invenção que se estabeleceu desde meados dos anos 60. Apenas há 50 anos, os satélites eram simplesmente uma ideia na cabeça de um cientista britânico famoso por seus livros de ficção científica, Arthur Charles Clarke. Ele foi o primeiro homem a imaginar as várias aplicações modernas dos satélites, além de ter escrito a consagrada obra literária *2001 – Uma odisseia no espaço*. Em 1945, 12 anos antes do lançamento do famoso satélite russo Sputnik, ele escreveu um artigo na revista científica *Wireless World – Radio and Electronics* descrevendo como os satélites poderiam ser postos em órbitas geoestacionárias e usados para transmitir sinais. Hoje, a maioria dos satélites de comunicação operam nessa órbita.

É praticamente impossível não traçar uma simetria entre esses fatos históricos da evolução das tecnologias criadas para a exploração do espaço e uma obra como *As*



*Crônicas Marcianas*, em que tantos desses processos são descritos com um nível de detalhamento espantoso. Nos anos 1950, os Estados Unidos viviam sob intensa e vertiginosa economia consumista, buscando incessantemente avanços tecnológicos para suas muitas demandas. Como país mais poderoso do mundo, grandes vencedores da Segunda Guerra Mundial e detentores de armamento poderosamente destrutivo, eles viviam um êxtase social, só perturbado por uma nação que lhe fazia frente. O bloco soviético era temido por ter uma força de guerra forte e principalmente por também dominar a tecnologia nuclear. A corrida armamentista e a exploração do espaço para fins militar eram arenas dessa batalha real e simbólica. Muitos elementos da ficção científica se concretizavam naquele momento histórico. Era um não tão admirável mundo novo que se descortinava.

Voltando à temática explorada por Bradbury no trecho acima citado, é preciso salientar que tais máquinas eram uma realidade desde a Segunda Guerra Mundial, quando houve uma verdadeira corrida armamentista para eliminar o inimigo. Um dos artefatos que mais se fixaram no imaginário coletivo foram os temidos foguetes V2 da Alemanha nazista, que em determinado período do conflito choveram sobre Londres, aterrorizando os Aliados e levando os ingleses a pensar que não resistiriam. Essas armas foram inventadas e aperfeiçoadas em um tabuleiro geopolítico intrincado, em que os mais diversos lados do conflito (Estados Unidos, União Soviética, Alemanha) tinham interesses próprios e quase sempre antagônicos. Quando o 3º Reich ruiu, os norte-americanos se apressaram a recrutar a nata dos cientistas alemães para seus próprios centros de pesquisa, dando largada a uma nova corrida, a espacial.

Um dos protagonistas de toda essa movimentação pós-guerra foi o cientista alemão Wernher Von Braun, que chefiava os avanços tecnológicos aeroespaciais nazistas e que acabou se tornando um dos pais do programa espacial norte-americano, desenvolvendo as tecnologias ligadas à propulsão de foguetes. Após montar sua estrutura de pesquisa no que depois seria conhecida como a Agência Espacial dos EUA (Nasa), Braun viu, em 1958, o lançamento do primeiro satélite americano, o Explorer 1, quase quatro meses depois do Sputnik russo. Em 1961, os soviéticos surpreenderam o mundo ao lançar um satélite com um astronauta, Yuri Alekseevitch Gagarin, que se tornou o primeiro homem no espaço e a primeira pessoa a orbitar a Terra. Dez meses depois, John Herschel Glenn Jr. tornou-se o primeiro norte-americano a entrar em órbita. Este fato levou os cidadãos americanos a se perguntarem se o país conseguiria

vencer o desafio proposto pelo presidente John F. Kennedy, de levar o homem à Lua e trazê-lo em segurança. Isso explica uma atitude audaciosa de concretizar essa viagem à Lua, que seria realizada em 1969.

Como não se recordar de tantas histórias de ficção científica que sonharam com esse feito, ainda que tudo não passasse, então, de onirismo? Júlio Verne previra e sonhara com esta viagem. No caso de Bradbury, que escreveu *As Crônicas Marcianas* antes de os humanos fincarem uma bandeira no solo lunar, a meta era Marte.

– Desceu do céu; quanto absurdo! — Ele chegou em uma coisa de metal que brilhava ao sol — ela se lembrou. Fechou os olhos para evocá-lo mais uma vez. — Sonhei que havia alguma coisa no céu que brilhava como uma moeda atirada ao ar, que de repente ficou grande e desceu com suavidade: uma nave prateada e comprida, arredondada e estranha. Uma porta se abriu na lateral do objeto prateado e aquele homem alto saiu. (BRADBURY, 2013: 23-24).

É indubitável que a chegada à Lua e a conquista do espaço marcam uma fase histórica das mais importantes para a trajetória da humanidade. O mais interessante é perceber, porém, que a ficção científica anda no mesmo passo, antecipando, imaginando e se sustentando em tais acontecimentos singulares. Uma realidade que se expande nos enredos de *As Crônicas Marcianas*, por exemplo, já que neste livro a humanidade busca uma rota de fuga da Terra, ameaçada pela falta de recursos naturais, apoiando-se em outros eventos já vividos pelo planeta em sua longa história.

Para um escritor de ficção científica esses dados são primordiais na condução de histórias alternativas, revelando contradições, conflitos, possibilidades de debate com a moral – social e religiosa –, com a ética, com os limites que podemos alcançar ou que devemos transpor. Nesse contexto, a literatura de ficção científica pode funcionar, também, como uma espécie de “despertador” para possíveis cenários para que a utilização do conhecimento adquirido seja aplicada da melhor forma possível.

Passaram por seis cidades em vinte minutos. O pai não disse nada mais a respeito das explosões; (...) Michael gostou da primeira cidade por que passaram, mas foi vetada porque todos duvidavam de primeiros julgamentos apressados. Da segunda cidade, ninguém gostou. Era um assentamento de homens da Terra, construído em madeira e já apodrecendo, transformando-se em serragem. Timothy gostou da terceira cidade porque era grande. A quarta e a quinta eram pequenas demais, e a sexta fez todo mundo exclamar, inclusive a mãe, que se juntou ao coro de Vivas, Carambas e Olhe-só-aquilo! Havia cinquenta ou sessenta estruturas enormes ainda em pé, as ruas estavam e o sol do fim da tarde. (BRADBURY, 2013: 284-285).

*As Crônicas Marcianas* levanta questões fundamentais para o planeta em que vivemos e a sociedade em que estamos, ainda que no âmbito da ficção científica. Seu diálogo com a História chega a ser surpreendente dada às correspondências encontradas. Fenômeno que se repete com o livro *1984*, de George Orwell.

### **O mundo que tudo vê**

As demandas militares e os avanços tecnológicos nesta área também têm repercussão na vida civil. Com uma estrutura formidável de vigilância – e que cresce a cada momento –, hábitos e comportamentos se transformam em razão dessas novas condições de vida, o que ecoa em fatos e acontecimentos históricos. Ressalte-se que uma das formas mais instigantes de se acompanhar e entender esses processos passa pela arte, incluindo aí a literatura, com destaque para o gênero da ficção científica. Um marco nesse sentido foi a criação de órgãos especializados na área, com métodos que aperfeiçoam e tornam mais eficazes os mecanismos de espionagem e observação, resultando em controle e influência em todos os seguimentos da vida moderna. Há ainda variáveis políticas submetidas a tais lógicas, algo que Orwell, com *1984*, soube captar.

Somente a Polícia das ideias lia o que ele havia escrito, antes de suprimirem tudo da existência e da memória. Como era possível fazer um apelo ao futuro, quando nem um rastro seu, nem mesmo uma palavra anônima rabiscada num pedaço de papel, tinha condições de sobreviver fisicamente? (ORWELL, 2013: 39).

O Grande Irmão só é possível com avanços tecnológicos, que vão da prosaica produção de imagens a requintados aparelhos de espionagem por satélites e outras traquitanas criativas. Nos anos 1960 e 1970, tecnologias de espionagem já forneciam resultados eficientes em termos de vigilância.

No interior do apartamento, uma voz agradável lia alto uma relação de cifras que de alguma forma dizia a respeito à produção de ferro-gusa. A voz saía de uma placa oblonga de metal semelhante a um espelho fosco, integrada à superfície da parede da direita. Winston girou um interruptor e a voz diminuiu um pouco, embora as palavras continuassem inteligíveis. O volume do instrumento (chamava-se teletela) podia ser regulado, mas não havia como desliga-lo completamente. (ORWELL, 2013:12)

Essa mudança de apreensão da realidade, com a possibilidade de se estar em lugares antes impossíveis, ouvir conversar insondáveis, registrar imagens até pouco tempo impossíveis, com a obtenção de informações valiosas, foi determinante nos

desdobramentos de eventos históricos maiúsculos. Orwell previra essa necessidade com seu livro, publicado em 1949, mostrando que o controle social por meio de tecnologias de observação e vigilância seria fundamental para a conquista e a manutenção do poder.

Por trás de Winston, a voz da teletela continuava sua lenga-lenga infinita sobre o ferro-gusa e o total comprimento – com folga – das metas do Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Todo som produzido por Winston que ultrapassasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela; mais: enquanto Winston permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ouvido também poderia ser visto. Claro, não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico. (ORWELL, 2013: 13)

Nessa sociedade que suprime direitos e cobra comportamentos padronizados de imaginada por Orwell, o "Big Brother está olhando-o" com a teletela, aparelho instalado em todos os lugares públicos e privados. Por meio dela, o poder central sabe quem você é, o que está fazendo, o que pensa. Não há mais lugar privado. No livro, o único refúgio do herói Winston Smith – aquele que ousa contrariar essa regra – é o recanto de seu apartamento. Tudo é percebido pelo Big Brother por sensores, não muito diferente do que ocorre hoje, em que a esfera privada perde espaço para o olhar público. A liberdade vai se dirimindo no desejo ou necessidade de suprimi-la.

Naturalmente, não havia jeito de determinar se, num dado momento, o cidadão estava sendo vigiado ou não. Impossível saber com que frequência, ou que periodicidade, a Polícia do Pensamento ligava para a casa deste ou daquele indivíduo. Era concebível, mesmo, que observasse todo mundo ao mesmo tempo. A realidade é que podia ligar determinada linha no momento em que desejasse. Tinha-se quer viver – e viva-se por hábito transformado em instinto – na suposição de que cada som era ouvido e cada movimento examinado, salvo quando feito no escuro (ORWELL, 2007: 6-7).

O romance de Orwell enfatiza a organização rigorosa do espaço pelo partido do Big Brother. É semelhante a outra estrutura descrita por Foucault:

(...) na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. (FOUCAULT, 1999: 223-224).

Em outra obra, Foucault estabelece a ligação entre esse domínio absoluto e o nascimento de instâncias de controle que atuam nos mais diferentes campos, em que a política está presente em diferentes vertentes, em inúmeros espaços, simbolicamente

forte nos mais diversos aspectos da vida social. É a gênese do Estado moderno e dos procedimentos instaurados no Ocidente para proteger “a regra dos homens”. É o que ele chama de “governamentalidade”, que atua sobre mentalidades, moldando-as e buscando eliminar discordâncias. “A pastoral, a nova técnica diplomático-militar e, enfim, a polícia - creio que foram esses os três grandes pontos de apoio a partir dos, quais pode se produzir esse fenômeno fundamental na história do ocidente, a governamentalização, ao do Estado.” (FOUCAULT, 2008: 146). Eis o diálogo com o imaginário de Orwell.

Dois eixos podem ser identificados no romance do autor inglês. Em primeiro lugar, a visibilidade total e simultânea observada e incomunicabilidade observada entre as mesmas. Em seguida, a visibilidade permanente do dispositivo e a ignorância de sua ativação devido à invisibilidade dos observadores. Neste segundo eixo, percebemos observação, mas não o observador. É caracterizada por ser visto sem ver, sabendo que um é visível, o outro não. O que é importante aqui é a dimensão automática. O sujeito acaba controlando a si mesmo ao internalizar o olhar de monitoramento. Todos tornam-se, assim, nos próprios fiscalizadores por natureza. Os dois princípios mais importantes são feitos para que a pessoa veja a si mesma através dos olhos do poder, já sem capacidade de negociação, sem autonomia. Este fenômeno é chamado de sincronização, uma sociedade centralizada que destrói toda a interação e, por conseguinte, qualquer construção de identidade pessoal de uns aos outros.

Em *1984*, o controle social é principalmente técnico. No caso, baseia-se no uso de uma ferramenta de arquitetura bastante elaborada. Existem outras técnicas, mais rudimentares, que podem ser caracterizadas as técnicas de Inteligência Artificial. Em *1984*, o elemento humano permanece forte, fazendo uso de instrumentos técnicos para ampliar e aperfeiçoar seus mecanismos de controle, empregando todas as vias possíveis em uma organização totalitária. Essas questões permeiam muitas criações literárias e não são prerrogativa da ficção científica, mas neste gênero tal debate ganha outros contornos, uma vez que pode ostentar previsões criativas e convidar à reflexão sobre o futuro. Não deixa de ser impressionante, porém, seu nível de acerto.

Orwell, em suma, imaginou o futuro ao invocar, modificar e recombina-  
r imagens que seus leitores, de modo consciente ou inconsciente, já  
conheciam. De certa forma, é sempre assim. (...) Nesse como em outros  
aspectos, a técnica de Orwell é idêntica à do escritor de romances realistas  
tradicionais, ainda que seu objetivo fosse outro: não refletir a realidade  
social contemporânea, mas pintar o retrato apavorante de um futuro possível.  
(LODGE, 2009: 144-145)

Atualmente há um monitoramento ampliado e extenso, que pode ser feito por meios tecnológicos, independentemente das gerações de aperfeiçoamento de tais métodos. Todos querem ver tudo, as redes sociais são instrumentos de acompanhamento da vida alheia, as autoridades estabelecidas recorrem às mais diversificadas maneiras de manter a vigilância. Em tempos de terrorismo, de crimes cibernéticos, de ataques de hackers, essa postura tornou-se verdadeira obsessão. No livro de Orwell este cenário é de alguma forma previsto. O autor faz de seu livro um alerta para a exacerbação de tais cuidados.

Trabalho físico pesado, cuidados com a casa e os filhos, disputas menores com os vizinhos, filmes, futebol, cerveja e, antes de mais nada, jogos de azar, preenchem o horizonte de suas mentes. Não era difícil mantê-los sob controle. Alguns representantes da Polícia das Ideias circulavam entre eles, espalhando boatos falsos e identificando e eliminando os raros indivíduos considerados capazes de vir a ser perigosos. (ORWELL, 2013: 90-91)

Hoje temos à mão a capacidade de exercer uma supervisão quase absoluta: spyware em computadores, monitoramento de telefones, vigilância por vídeo, softwares de reconhecimento facial, mecanismos que remetem ao Big Brother de Orwell. Nas entrelinhas de *1984*, o Grande Irmão traz o sentido fundamental dessa analogia. Aquele mundo fictício tornou-se, em alguma medida, real. A ficção científica mostra-se, mais uma vez neste livro, um campo competente em suas interações com a História, ainda que seja para levantar hipóteses, trabalhar debates e colocar questionamentos.

### **Considerações finais**

Ao comentar os dois livros de ficção científica escritos por Ray Bradbury e George Orwell objetos deste breve artigo, observamos três elementos claros que nos auxiliam na compreensão dos possíveis pontos de ligação entre o gênero literário e debates históricos calcados na realidade. Os avanços tecnológicos em prol da corrida espacial estão próximos das criações de Bradbury e sua imaginada invasão terráquea de Marte; as novidades no campo das comunicações, da vigilância, da leitura de dados não estão tão longínquas assim do mundo imaginado por Orwell em *1984*. Transformações sensíveis que só puderam ocorrer no contexto de conflitos.

Sob esse ângulo, poderíamos dizer que a literatura segue traços primários que embasam nossa imaginação no dia a dia, na evolução cotidiana em que vivemos. As circunstâncias que a guerra impôs, com esforços que levaram a uma evolução impressionante em muitos campos. Sem esses elementos não seria possível alimentar a

espiral criativa que leva da imaginação à realidade. Logo após o término desses conflitos que abalaram, no século XX, nossa própria noção de humanidade, Orwell e Bradbury mostraram mundos diferentes, revelando tendências. Tais relações ajudam a construir a História, tão vinculada a novidades e criações, artísticas ou industriais. Bradbury e Orwell integram o grupo de autores que fazem esses concatenamentos, dão vazão a uma criatividade que se expande para muitas áreas.

### **Referências**

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRADBURY, Ray. **As crônicas marcianas**. São Paulo: Globo, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir - “História das Violências nas Prisões”**. Petrópolis/RJ: Vozes - 27 edição, 1999.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LIMA, Luiz Costa. **História, ficção, literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LODGE, David. **A arte da ficção**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2005.